

Luisianas

Estávamos sentados eu e Luis Fernando Veríssimo na mesa de um bar. Era o nosso segundo chope, portanto não chegáramos na fase de falar sobre a infância, nem sobre os amores mal resolvidos, tampouco sobre como nos tornamos amigos, porque esta última é só depois do nono ou do décimo primeiro chope. Dentro de um bar comum, como muitos que se encontra por aí, eu o olhava ansioso e constrangido. Apenas eu, acredito, me sentia assim, pois Veríssimo continuava com uma feição impassível como rocha. E ao chegar ao tema inevitável chamado literatura, eu sinceramente já não sabia o que falar, além de torrar a paciência de meu interlocutor com a única obra literária que me vinha à cabeça: a dele.

– E o “Analista de Bagé”? – perguntei, sem muita esperança.

– Ai, lá vem...

– O quê?

– É impossível falar o meu nome sem lembrar daquele analista?

– Daquele livro, você quer dizer.

– Por acaso eu tenho cara de gaúcho? – Veríssimo hesitou, pensando no que havia falado, mas já tinha saído. Depois continuou:

– Por acaso eu tenho cara de analista?

– Eu não te associo com o Analista de Bagé, a personagem, e sim com o livro.

– Tudo bem, tudo bem, não crio mais caso. O “Analista” é um bom livro. É um excelente livro, na minha opinião.

– É um excelente livro.

– Mas muita gente me associa apenas com esta obra. É uma lástima para a minha vida de escritor. Por que não o “Ed Mort”? Ele também fez bastante sucesso. Por que não a minha fase de cartunista, com “As Cobras”? Pensando bem, esqueça essa fase.

– Não vejo problema no fato de as pessoas te lembrarem como o cara que escreveu “Analista de Bagé”. Até virou peça de teatro! E “Comédias da Vida Privada”, que foi pra Globo? Você é um escritor bem afortunado.

– Só serei bem afortunado quando conseguir o telefone da Patrícia Pilar.

– Você é bem afortunado. Qualquer coisa que eu vier a escrever um dia nunca será uma peça de teatro, a não ser que as pessoas pagassem para não ver. Até que seria interessante, uma peça teatral que seria sempre autêntica, estaria sempre na estréia. Não poderia ser plagiada, pois ninguém saberia como foi feita a adaptação. A peça em cartaz mais original da história, embora não ficasse muito tempo em cartaz.

– Você está ficando bêbado.

- Não estou não. É só o segundo chope.
- Você não queria falar de literatura?
- Acho que já desisti.
- Você devia discutir literatura. Saramago, Kafka, Gogol, Machado de Assis.

Um bêbado interrompeu a conversa chegando perto da mesa e pediu um autógrafo ao Veríssimo, que olhou pra mim meio sem reação. Eu olhei de volta, como quem pergunta “te pedem autógrafo assim?”, e Veríssimo respirou fundo, rabiscando qualquer coisa no papel engordurado de salgadinhos e com várias marcas redondas de fundo de copo. Só fungou de raiva de verdade quando o bêbado saiu cambaleando e disse, com a boca torta, algo como “Valeu, Jô!”. Veríssimo olhou pra mim novamente, com cara de interrogação, tentando esquecer essa cena patética.

- Não vou mais falar de literatura – decretei.
- Sobre nenhum desses caras? E Tolkien? Você disse que gosta de Tolkien.
- Tolkien não é literatura, é passatempo.

Veríssimo tentou rir, meio sem graça. Não deu certo.

– Aposto que se um corvo entrasse por aquela janela, pousasse na estante e de repente dissesse “nunca mais”, você iria querer discutir...

Mas aí eu já havia levado o chope à boca uma vez, cutucado algo sob a mesa e, puxando um tabuleiro, perguntei:

- Joga xadrez?

* * *

Eu e Luis Fernando Veríssimo estávamos na mesa de um bar, passando do quinto chope e tentando jogar xadrez. Num dado momento, Veríssimo já havia me confidenciado que estava imaginando boa parte das peças e, por que não, muito do jogo que estava por vir. Tentar prever o jogo é normal, pensei, mas não imaginar peças. Mais um pouco e estaríamos jogando às escuras. Não seria mais necessário sequer fazer os movimentos corretos e, depois de cinco chopes, concentrava-nos como podíamos. As únicas coisas que quebravam a nossa concentração além das levadas periódicas dos copos à boca e de irritadiços batuques com os dedos eram algumas interpelações.

- Eu não sei jogar xadrez – finalmente soltei, de repente.
- Hã? – fez Veríssimo, sem tirar os olhos do tabuleiro.
- Eu disse que não sei jogar xadrez.

- Eu também não – disse ele, movendo uma peça. – Xeque.
- Isso não ajuda muito – retruquei, meio indignado.
- O importante aqui não é necessariamente jogar. Nem ganhar. É atrapalhar a concentração do outro.

Olhei para ele sem levantar a cabeça e movi meu cavalo imaginário para proteger o meu rei. Antes que Veríssimo pudesse perguntar alguma coisa, me adiantei:

– A concentração do outro pouco importa. Mais vale a própria concentração. É como tocar um instrumento, como a clarineta.

- Você toca clarineta? – perguntou Veríssimo, levantando as sobrancelhas.
- Toco, já tem um bom tempo.
- Não parece alguém que toca clarineta.
- Rá, e você tem muita cara de quem toca saxofone.
- Sax pra mim não é música, é passatempo.
- Pensei que você passava seu tempo escrevendo.

Ele me olhou com o canto do olho, e levou o chope a boca.

– Eu não sou exatamente um saxofonista – disse – Eu brinco com um sax de vez em quando.

– Eu também não sou um clarinetista, eu só toco um pouco. Isso já tem uns seis anos.

– E depois de todo esse tempo estudando clarineta você ainda tenta escrever alguma coisa?

– Nada impede. Mas pra mim, escrever é passatempo. Eu não me concentro quando eu escrevo.

– Xeque.

Olhei pro tabuleiro de novo, mas não deu tempo nem de ficar indignado. Quem chegou perto agora foi um senhor de idade, de óculos escuros naquele ambiente enfumaçado, andando como quem não enxerga os próprios pés. Ele levantou o nariz, dando a impressão que farejava, e rodou a cabeça de um lado para o outro, como se procurasse alguém. Veríssimo cochichou:

– É o Borges.

– Quem? – perguntei automaticamente, enquanto tentava deduzir como diabos ele conseguiu fazer aquele xeque.

- O Borges. Parece que ele está me procurando.
- Por que ele estaria te procurando agora, neste bar?
- Porque estou jogando xadrez. – respondeu prontamente.

Continuei sem entender, ainda mais porque Borges, de pé no meio do bar, começou a fazer citações literárias. Veríssimo só não se irritou porque era a minha vez de jogar. E joguei, tentando

me livrar do xeque. Pouco depois Borges saiu, e Veríssimo, movendo uma peça com impaciência, disse:

– A minha concentração ele não atrapalha. Xeque-mate.

Nisso, um corvo entrou pela janela, pousou sobre a estante e disse:

– Nunca mais.

* * *

Era algo por volta do décimo chope. Estávamos cansados de xadrez, de citações literárias, de passatempos. Eu mexia com o indicador dentro do copo, mascando o último pedaço de palito de dente que sobrara na mesa, e Veríssimo estava engolindo a última batata frita, quando de repente exclamei:

– Espera aí um minuto!

– Que foi? – disse Veríssimo, assustado com a repentina quebra de silêncio.

– Essas situações estão muito familiares pra mim...

– Como assim familiares? A gente nunca se viu antes!

– Pois é, mas tá estranho.

– Estranho?

– É! Um bar comum, vários chopos, literatura, xadrez, Jorge Luiz Borges... Qual a probabilidade do Borges vir aqui enquanto a gente estava jogando xadrez?

– Eu sei lá! Nenhuma?

– Exatamente! Isso parece...

Não, não pode ser. Era uma noite comum, em um bar comum, com pessoas comuns. Isso é a vida. Que culpa eu tenho se as pessoas escrevem sobre a vida? Tudo isso acontece sem a gente perceber, chega alguém e põe isso no papel. Uhm... pôr no papel... não resisti e perguntei:

– O que você acha do plágio?

– Na literatura? Uma pouca vergonha. Com música, cinema e televisão é normal, acontece.

Mas na literatura...

Interrompi retomando a conversa sobre a atividade do escritor, de como eu passava meu tempo escrevendo e plagiando. Eu não consegui pensar em mais nada além do imenso *dejá-vu* que tive de praticamente todo o acervo de crônicas brasileiras que eu já havia lido, das quais a maior parte era de autoria desse cara que se sentava bem à minha frente, cheio de chope e de porta-copos empilhados sob os braços, na mesa. As noites de Bogart, dos bares da Lapa e tantos outros repletos

de histórias que vararam copas do mundo, ditadura e Plano Cruzado se repetiam na minha cabeça e naquele exato momento, misturando o lido com o falado e o escrito.

Contei que sempre havia pensado em escrever uma história sobre como eu, plagiador barato, encontraria um escritor experiente em um bar, vivendo um momento quase metafísico com bebida e conversa jogada fora. História extremamente sem graça, porém digna de ser plagiada, logo perfeita para mim. Pegaria papel e caneta naquele mesmo instante, se pudesse.

– Não entendi o que você quis dizer com essa história de plágio – disse Veríssimo.

– Eu não tenho experiência de escritor, apenas escrevo – expliquei – Não consigo criar a minha experiência porque eu leio, inevitavelmente, para poder escrever, e escrevo aquilo que leio. Leio a sua obra e escrevo. Não vê? As situações familiares, as conversas, as coincidências, até o corvo do Poe apareceu aqui!

– Não pode ser, aquele não é o corvo do Poe. Ele falou em português. É o corvo do tradutor – retrucou Veríssimo.

– Viu só? Viu só?! – bradei, com o braço para cima – eu não posso evitar, está tudo acontecendo plagiadamente, se é que eu posso falar assim.

– Mas você não está escrevendo agora, está?

– Mas eu vou escrever! Ah, eu vou escrever...

– Você está bêbado.

Veríssimo começou a se levantar da cadeira, inspirando alto. Largou algumas notas na mesa e começou a se despedir de mim, indo embora um pouco apressado com a desculpa de não querer encontrar ninguém conhecido, principalmente de tempos há muito passados. Na porta ainda me disse: “Precisamos nos ver”.

E foi embora, deixando-me bêbado, pensativo e querendo papel e caneta assim que me curasse de uma futura, bem prevista dor de cabeça.